



# Livros

## FIÇÃO

# As vozes poéticas de uma guerra

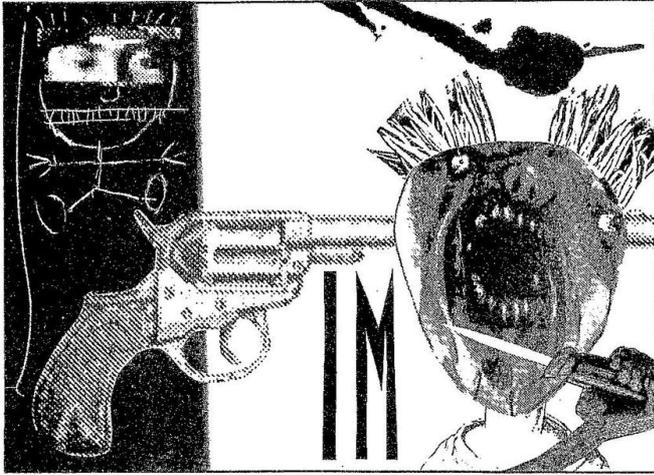
DANIELA NAME

TERRA SONÂMBULA, de Mia Couto. Nova Fronteira, 248 pgs. R\$ 8,10

A língua é o mesmo português que falamos e a história serve para leitores de qualquer lugar do planeta. Mas grande parte dos brasileiros nunca ouviu falar de Mia Couto. Dono de uma narrativa que o assemelha a Guimarães Rosa, o escritor moçambicano conta em "Terra sonâmbula", seu primeiro romance, a história da esperança no futuro do seu país. Do realismo e sonho na fábula sobre Muldinga e Tuhair, um menino e um velho que saem do campo de refugiados da guerra e perambulam numa estrada que anda sozinha à noite.

No caminho, os viajantes encontram um homem assassinado e dez cadernos de anotações ao lado do corpo. Muldinga conta para Tuhair as peripécias ali narradas por Kindzu, sem saber que fala em voz alta sua própria história, que se mistura aos poucos com seu presente e o cenário assustador da guerra civil e a fome moçambicana. Couto percorreu o território devastado e foi a partir dessa viagem que ele escreveu "Terra sonâmbula".

Moçambique é hoje o país mais pobre do mundo — disse ele ao GLOBO, de Nova York, onde foi dar uma conferência. — O país está saindo do pesadelo,



Cavalante

**“Tomei um banho com o encantamento do universo de Guimarães Rosa”**

**“A poesia rural faz estalar o verniz de um modelo de modernidade”**

Mia Couto

profundo conhecedor da cultura de sua terra e ao mesmo tempo a reinventa e questiona diversas vezes. Isso fica claro, por exemplo, quando coloca um menino contando histórias para um velho. Contraria a tradição africana, que preserva a oralidade com os idosos. Em "Terra sonâmbula", conta a história da morte e com isso afirma a necessidade de um processo de reconstrução.

A escritora Lygia Fagundes Telles ainda não leu "Terra sonâmbula", mas gostou muito de "Vozes anoteceadas", último livro de contos de Couto.

Ele é um grande escritor, não tenho dúvidas. Participamos juntos de uma mesa-redonda em Lisboa e depois que li seus contos percebi que ele domina a língua com uma criatividade incrível.

Mas então por que seus livros nunca tinham sido publicados no Brasil? Rosânia Pereira da Silva acha que observamos um etnocentrismo europeu e americano. Já o próprio Couto diz que o desconhecimento dos países colonizados por Portugal se dá por uma dificuldade dos escritores encontrarem seu próprio "centro":

— Cada um de nós está sendo sugado por outros pólos econômicos e culturais. Mesmo assim, fui profundamente influenciado por um escritor angolano, Luandino Vieira. Ele me apresentou Guimarães Rosa como um de seus mentores. Tomei um banho mágico com o encantamento do universo de Rosa. Mais tarde, renovi essa sensação com outro brasileiro, Manoel de Barros.

Como o autor de "Grande sertão: veredas" e "Sagarana", Couto se define como um "contador de histórias". E diz que não consegue explicar como constrói sua narrativa e seus personagens:

— Minha infância está mergulhada nos tradicionais contadores de histórias, que sabiam criar uma relação de magia com o audível. É essa espécie de religiosidade que eu persigo na escrita. Desconheço, e prefero não entender, os mecanismos da criação literária. Sei que a infância permanece como caixa mágica, de onde vamos tirando tesouros e encantamentos. Só sei que falo da ruralidade e a poesia que emerge do mundo rural faz estalar o verniz de um modelo de modernidade.

mas a paz ainda é recente. E é preciso entender que essa paz não resulta de acordos e cerimônias. Essas são formalidades que a televisão captura. Depois da guerra, pensava que só existiam cinzas. Mas em todo esse tempo, a terra guardou, inteira, as vozes dos homens. É bom ver que o povo está pronto para recomeçar e a esperança sobreviveu.

A pesquisadora Rosânia Pereira da Silva defendeu tese de mestrado em literatura africana na PUC-MG a partir da análise da obra de Mia Couto. Ela ressalta que uma das grandes características da obra do escritor é recolher histórias da cultura popular moçambicana nas andanças que faz pelo país. As aventuras contadas nos cadernos de Kindzu foram criadas dessa maneira, bem como os diversos

palavras encontradas na narrativa. Ao português castigo herdado dos colonizadores, ele acrescenta vocábulos dos dialetos locais e um grande número de neologismos. Assim, "machimbombo" é ônibus e "maningue" é a mesma coisa que muito; enquanto "hencar" é utilizado como adormecer ou embalar.

— Mia Couto é fascinante — acredita Rosânia. — Ele é um

## ESTRANGEIROS

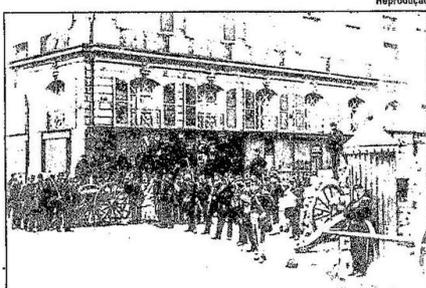
# Paris sob o radicalismo utópico da Comuna

RICHARD BERNSTEIN  
Do New York Times

NOVA YORK — Em maio de 1871, quando Paris esteve sob o breve domínio da experiência de radicalismo utópico conhecida como a Comuna, alguém encontrou na cripta de Igreja de St. Laurent 14 esqueletos. Imediatamente, os ossos foram identificados como de vítimas de perseguições da Igreja Católica, causando grande revolta. Pouco mais tarde, provou-se que, na ocasião, as ossadas já tinham 150 anos.

Episódios como este tornam irresistível "Paris Babylon — The story of the Paris Commune" (editora Viking) em que Rupert Christiansen reconstrói, como num caleidoscópio, a vida da capital francesa entre 1869 e 1875. Com pitadas de loucura, momentos de ironia e a imprevisibilidade própria das relações humanas, "Paris Babylon" é uma história elegante e anticonvencional de um tema excessivamente explorado.

Sob a sofisticada ótica de Christiansen, os principais acontecimentos políticos e personali-



Reprodução

Barricada montada na praça Vendôme durante as revoltas da Comuna

dades da época têm a mesma importância do que dados tidos como insignificantes: a opinião de um chef comparando as qualidades das carnes de cachorro e de gato em períodos de fome, notícias de jornais e até mesmo uma análise do papel dos boatos no rumo dos acontecimentos.

Os principais elementos deste período são familiares a qual-

quer estudo sobre a Europa moderna: os últimos anos de decadência do reinado de Napoleão Bonaparte; a pretensa declaração de guerra contra a Prússia de Otto von Bismarck; o cerco prussiano de seis meses a Paris; o nascimento e a morte sangrenta da própria Comuna, com Paris tomada durante poucos meses por operários revolucioná-

rios. Marx escreveu um livro sobre esses acontecimentos, e Lênin e Mao os estudaram quando preparavam suas próprias revoluções.

Mas "Paris Babylon" é diferente e estabelece sua diferença quando, por exemplo, interpreta a estranha natureza de uma cidade que consegue se transformar tão rapidamente: de sensualidade e excesso de um momento — a Babilônia a que se refere o título — à auto-punição selvagem para, rapidamente, voltar à permissividade. No meio disso, está um retrato de um lugar e um tempo caracterizados por Christiansen como de falsidade, frivolidade e materialismo.

Para o autor, trata-se de uma época de decadência, decadência esta que se tornou evidente quando a França, numa cega e arrogante busca de glória, supôs que poderia derrotar facilmente as tropas prussianas. Christiansen associa a estupidéz desta decisão a outros aspectos da vida parisiense: a permissividade no uso do absinto, a prostituição e, acima de tudo, a busca de um tipo de glória mais local que os parisienses viam com um misto de tédio e revolta.

A figura central desta parte da

história é o Barão Haussmann, o responsável pela Paris com as feições de hoje. Urbanista em um traçado reto aos hulevares, construiu prédios, demoliu antigos bairros e expulsou a classe trabalhadora para os subúrbios. A transformação de Paris, que Christiansen chama de "engenharia social" teria roubado da cidade seu romantismo.

Christiansen é brilhante ao capturar a louca essência deste fenômeno misterioso e contraditório da história francesa. Em seus capítulos finais, "Paris Babylon" é a história da apaixonada e desastrosa amizade entre dois poetas pós-Comuna: Paul Verlaine e Arthur Rimbaud, que personificaram a admirável combinação francesa de gênio e energia militista voltados contra a política oficial e a moral.

A conclusão de "Paris Babylon" é que não foi preciso muito tempo depois do banho de sangue da Comuna para que a cidade "retomasse seus antigos pacos e prazeres", tornando-se, de novo, uma Babilônia e enfrentando, quase que inadvertidamente, as tragédias das duas guerras mundiais. Estas fariam com que a Comuna parecesse quase insignificante.

## OS LIVROS DE MINHA VIDA

Divulgação



Sonia Coutinho, escritora

— Que livros marcaram sua formação?

— Sempre fui uma leitora fiel de Charles Sclater e estudei meus preferidos, estão dois livros de contos: "Legião estrangeira" e "Laços de família". São simplesmente fantásticos. Mas duas outras escritoras não-brasileiras também sempre me fascinaram: Katherine Mansfield e Virginia Woolf. Para não ser injusta com os homens, cito o poeta francês Arthur Rimbaud. Volta e meia volto a ele, pois sou fascinada por sua figura e sua vida cheia de alicições.

## FACILIDADE DA CIDADE

### CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO

#### LÍNGUA PORTUGUESA

- Teorização dos estudos sintáticos, morfológicos e semânticos da Língua Portuguesa
- Estudos fonéticos e fonológicos
- Preconceitos e mitos referentes aos fenômenos linguísticos

#### LITERATURA DE PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

- Análise crítica de textos literários
- O método da intertextualidade
- As Literaturas Brasileira, Portuguesa e Africana

Período: 03 de abril a 15 de julho e 07 de agosto a 30 de novembro  
Horário: Segunda a quinta das 14h às 18h

LATO SENSU — 360 HORAS

Diploma de Pós-Graduação, habilitando para o magistério em Curso Superior.

## PERFIL

# A discreta militância sob as regras da paixão

DAISY STEPANSKY

DONA MARIA JOSÉ — RETRATO DE UMA CIDADE BRASILEIRA, de Ana Arruda Galvão e Denilde Leitão. Relume Dumará, 108 pgs. R\$ 14,00

"O que eu quero é tomar conta de minha casa, de meus filhos, do meu marido. É o bastante para mim!" Esta declaração abstrata e normal, feita por qualquer mulher de origem burguesa. Mas, neste caso, sendo ela



José Barbosa Lima conseguiu, com coerência, modestia e rara determinação, combinar suas ações públicas e privadas e viver intensamente sua história de cidadã.

Pesquisadoras e intelectuais comprometidas com a causa feminista têm buscado rescrever a história sob a ótica da mulher. Para escrever "Dona Maria José", as jornalistas Ana Arruda Galvão e Denilde Leitão realizaram, por quase dois anos, entrevistas com a esposa do acadêmico Barbosa Lima Sobrinho.

Crônicas deliciosas retratam, com humor e sensibilidade, um longo período da história do Brasil e da vida da menina paulista, que surpreendeu tanto os conservadores ao dirigir seu automó-

dade melhor.

Agregando forças políticas antagonicas, despertando corações e mobilizando mentes alienadas, implantou em Pernambuco um sistema pioneiro para o atendimento aos filhos de mães trabalhadoras — a Campanha Pernambucana Pró-Infância e, no Rio de Janeiro, a Casa do Pequeno Trabalhador.

Conhecedora das tragédias brasileiras, dona Maria José cultivou com sabedoria e ternura uma longa história de amor e lealdade a um homem e seus princípios. "O amor dele é o Brasil", afirma sobre o marido notável. Companhia e cumplicidade, ela tem vivido com ele este amor. Este pode ser também um livro de receitas de uma reinvencionalidade para habilitar

**INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES:**  
Av. Epitácio Pessoa 1664, sala 7 - Ipanema - Tel: 525-1000

casada com um dos nomes  
mais ilustres da recente história  
brasileira, a afirmação não cor-  
responde à verdade. Dona Manja

vel, em 1923, quanto as mulheres  
ricas, ao cobrar-lhes participa-  
ção. Humanista e religiosa, ela  
luta, há 87 anos, por uma socie-

na circunstância, as suas qualida-  
dade na arte de viver.

Deisy Stopanely é socióloga